

**AS
ESTRELAS
QUE NOS
ESCUTAM**

DIANA TAVARES



Título Original: As Estrelas Que Nos Escutam

Autora: Diana Tavares

Copyright © Diana Tavares

Copyright © Editora Nova Geração

Coordenação Editorial: Tânia Roberto

Edição: Iara Andrade

Revisão: Beatriz Oliveira e Rosalina Marques

Diagramação: Tânia Roberto

Design de Capa: Diana Tavares

Desenhos Interiores: Diana Tavares

1º Edição: junho de 2025

3ª Edição: agosto de 2025

Acabamento/Impressão: Líberis

© 2025

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

Este livro contém conteúdos para adultos.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos são fruto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Instagram.com/editoranovageracao

Facebook.com/editoranovageracao

Depósito Legal: 551037/25

ISBN: 978-989-3619-23-0



Para a minha afilhada Beatriz.
Que alcances altos voos, e sejas imensamente feliz.

Às mulheres que um dia detestaram o seu corpo, se sentiram
feias e invisíveis, este livro é para vocês.

Num romance visceral, Diana Tavares mostra-nos que o amor encontra sempre o seu lugar.

Lara Fresco @zon_aliteraria



Sexy, romântico e emocional. O lembrete essencial de que amor, também é o amor próprio.

Mariana Lemos @lifeinbooksbymariana



Melancólico, real e apaixonante. O segundo romance da autora que vai conquistar o coração dos portugueses.

Joana Aguiar @poor_unfortunate_me



Uma história marcante, onde é possível observar os fantasmas do passado a serem dissipados por um novo amor. Poderia ser a história de qualquer um de nós. Recomendo muito.

Rafaela Olindo @rafaela.olindo

Playlist



- 1 - Arcade – Duncan Laurence
- 2 - One Day – Kodaline
- 3 - Video Games – Lana Del Rey
- 4 - Who You Are – Jessie J.
- 5 - Too Sweet – Hozier
- 6 - Courage To Change – Sia
- 7 - True Colours – Tom Odell
- 8 - Shake It Out – Florence and The Machine
 - 9 - Falling - Harry Styles
 - 10 - Always – Gavin James
 - 11 - The Scientist – Coldplay
- 12 - I Won't Give Up - Jason Mraz
- 13 - Ordinary - Alex Warren
- 14 - River – Bishop Briggs
- 15 - Ilumina-me – Pedro Abrunhosa
- 16 - I Wanna Be Yours – Arctic Monkeys
- 17 - Stand By Me – Ben E. King
- 18 - She – Elvis Costello



Prólogo

Beatrix

Seis anos antes...

Confesso que evitava o espelho quase todos os dias. Amava os meus filhos, mas detestava o meu corpo desde que fora mãe. A maternidade deixou-me marcas que me recusava a aceitar. O corpo que via ao espelho não era o mesmo de outrora. No meu roupeiro tinha roupas que não sabia se ia voltar a vestir. Quem sabe um dia, ou talvez me desfizesse delas para não encarar diariamente as minhas derrotas.

Sequei o cabelo e fui para junto do Jaime. Estava deitado na cama com as costas apoiadas na cabeceira. As mãos seguravam o telemóvel e o polegar deslizava pelo ecrã, constantemente. Ultimamente tinha sido assim, talvez nas últimas semanas ou meses. Já nem me lembrava.

Sentei-me e aproximei-me dele, enquanto deslizei o lençol e a colcha, até cobrir a minha barriga. Queria contar-lhe o que fizera no meu dia de folga.

— Estive a fazer o meu currículo hoje — assumi com entusiasmo. — Agora que está tudo mais calmo, acho que é a altura certa para procurar trabalho na minha área.

— Para quê? — Olhei para ele. Mantinha os olhos fixos no ecrã.

— Como assim, para quê?

— Porquê agora? Sempre dissesse que gostavas de trabalhar no supermercado. Se tivéssemos dificuldades ainda compreendia, mas não é o caso. O trabalho na agência está a correr bem, melhor que o expectável.

— Olhou para mim com um olhar vazio, sem qualquer empatia.

— Jaime, não se trata de termos ou não necessidades. Sabes que a arquitetura é o meu sonho, foi para isso que estudei. Não é sobre nós, é sobre mim.

— Não faz sentido nenhum. Tens é que dar graças por teres o trabalho que tens. Já viste os teus horários? Todas as vantagens? Além disso, sabes

que o Vicente passa a vida doente. É virose atrás de virose. Não estejas à espera de que eu prejudique o meu trabalho por causa dos miúdos. As coisas estão bem assim, sabes que os meninos precisam de ti.

Os olhos dele voltaram-se para o ecrã do telemóvel, os meus fitavam o homem que amava. Sentia os olhos a humedecer, mas travei qualquer hipótese de as lágrimas galgarem e escorrerem pelo meu rosto. Ele pousou o telemóvel e deslizou pela cabeceira da cama.

— Vais dormir? — perguntei com alguma surpresa, apesar de já estar à espera da atitude dele.

— Sabes que tenho de me levantar cedo, Beatriz. Amanhã só descanso quando conseguir avançar com o contrato promessa compra e venda da quinta em Sintra. E tu vê se dormes e tiras essa ideia da cabeça. Tens um bom trabalho, devias estar grata por isso.

Virou as costas e apagou a luz do candeeiro que iluminava o quarto. Não me desejou boa noite. Os lábios dele não tocaram os meus e a escuridão preencheu o nosso quarto. Foi assim nos últimos meses. Sentia a distância a aumentar entre nós, semana após semana. Talvez fosse apenas uma fase e tudo melhorasse daqui a uns meses, ou talvez os casamentos fossem mesmo assim.

Senti um aperto no peito e um vazio dentro de mim. Era suposto o amor preencher-me, fazer-me sentir completa, ou não? Já não sabia o que representava o *nós*, e dei por mim a pensar se algum dia tinha representado algo. Não me esforcei mais e deixei que as lágrimas escorressem pelo meu rosto.

Foi aqui que me perdi.

Foi aqui que desisti dos meus sonhos, que desisti de mim.

Desisti por amor, julgo eu.

Os meus filhos precisavam de mim. Talvez o Jaime tivesse razão. Não me faltava nada, estávamos bem e os meninos eram felizes.

Os meus filhos são felizes...



Capítulo 1

Arcade – Duncan Laurence

Rodrigo

Quatro anos antes...

Pela primeira vez, questionei-me sobre o amor. A sua veracidade. Se chegava até nós em prosa ou cuspido num poema. Um amontoado de frases feitas, compostas por palavras bonitas que nos iludiam e nos faziam acreditar que era real.

Traiu-me. Disse. Sentia os remorsos e a dor no seu tom de voz, que até então sempre me soara melódica. Hoje não passava de uma voz áspera, ruidosa, que acabara de se alojar ao redor do meu coração como se fossem espinhos. Sentia vontade de lhe tocar no rosto, queria perceber se ainda era real, se continuava com a pele macia. Gostava de saber se o aroma adocicado do seu perfume junto da têmpora ainda era o mesmo.

Talvez não fosse.

Ela já não era a mesma. Não era a mulher pela qual me apaixonei quando tinha doze anos. Idade em que ninguém me dava ouvidos. E foi assim durante toda a minha adolescência, quando me diziam que era coisa de miúdos, que ainda teria muitas aventuras e muitas namoradas. Nessa altura eu já sabia que só teria olhos para ela. Que era o amor da minha vida e que, um dia, seria minha. Dezasseis anos a amá-la, a sentir-me um sortudo por tê-la conquistado. A exibi-la perante todos, não por me achar o maior, mas por me sentir o homem mais feliz do mundo. Era a minha vida, sempre foi. Não via mais ninguém para além da Constança.

Eu também já não era o mesmo. Deixei de o ser há minutos.

Durante anos a fio, acreditei no amor. Vivi-o, senti-o na pele.

Até hoje. Momento em que levei um murro no estômago.

— Rodrigo, desculpa!

— Desculpa? Não consigo acreditar nisto, como foste capaz? Como?

O que te passou pela cabeça? Que merda, Constança! — gritei-lhe pela primeira vez na minha vida.

— Aconteceu. Estava frágil, carente...

Carente? Carente como? Nunca lhe faltou amor, dei sempre o meu melhor na nossa relação. Estava desorientado. Levei as mãos ao rosto molhado, senti como se os meus olhos fossem pura raiva, ardiam, queimavam. Não consegui pensar, só sentia dor. Como é que ela teve coragem? A minha cabeça estava a latejar, o som das batidas ecoava nos meus ouvidos e senti necessidade de os pressionar, para abrandar aquela sensação de mal-estar. Só queria que aquele pesadelo acabasse. Que tudo não passasse de uma brincadeira de mau gosto.

— Rodrigo, tu nunca tens tempo. Avisei-te várias vezes. Desde que foste trabalhar com o teu pai, que quiseste mostrar como és competente no que fazes. Eu entendo, não te critico, mas acabei por ficar em segundo plano. Sei que não fui correta, só que tinha uma pessoa ao meu lado, a dizer-me que eu era especial, a fazer-me sentir desejada...

— Não vais descrever os pormenores, pois não? — verbalizei a minha raiva, usando o meu tom mais sarcástico, que nem sabia ter.

— Não. Só quero que percebas que precisava de alguém que me fizesse sentir assim.

— Dizias. Davas-me um par de estalos se fosse preciso. Davas-me um abanão e trazias-me para a realidade, para a tua realidade, para que fosse minha também. Achas que eu me dedicaria tanto ao trabalho se me apercebesse que estava a criar uma barreira entre nós?

— Eu disse-te várias vezes.

— Mas nunca me disseste que estava a perder-te. Porque se o tivesses feito, eu nunca permitiria que saísses da minha vida. Disseste que eu devia trabalhar menos, mas em momento algum te vi infeliz ou percebi que te faltava algo. Sempre nos demos bem em todos os aspectos da nossa vida. Éramos feitos um para o outro, Constança. Nunca me apercebi que estavas infeliz, muito pelo contrário. Como foi possível? Todos os dias, assim que entro em casa, só tenho olhos para ti, dedico-te todos os minutos que tenho. Não consigo entender, juro, não consigo!

Virou o rosto para chorar, não me encarando. Fez merda e nem sequer tem coragem de olhar para mim. Quem era ela? Como é que não a conhecia ao fim de todos estes anos?

— Acabou, Rodrigo. — Baixou o rosto.

— Não duvides que sim. Não voltes a contactar-me. Um dos meus colegas entrará em contacto contigo para tratar dos papéis do divórcio.

Qualquer dúvida que tenhas, falas com ele. Quero tratar disto o mais rápido possível. — Parei para admirá-la, nem sei porque o fiz. — Eu sou tão estúpido. Espero que ele te dê tudo o que eu não consegui. E que tenha tempo para ti. Adeus, Constança.

— Algum dia vais conseguir perdoar-me?

A minha boca expeliu um «adeus» seco. Saí dali. Bati a porta daquele que era o nosso lar. Ia perdoá-la como? Como é que se perdoava uma traição?

Uma relação de doze anos, seis deles num casamento, que aos meus olhos era feliz. Não me dei conta do impacto da minha ausência, da falta de tempo que foi empurrando, aos poucos, a Constança para os braços de outro. A dor consumiu-me naquele dia e nos seguintes. Considerava-me um rapaz sorridente e bem-humorado, porém, fiquei apático, ferido. Fui assombrado por um luto, uma perda que sabia não ter volta, nem eu queria. Porque o término de uma relação era isso mesmo, um luto, e cada um se munia das suas armas para o ultrapassar. Eu tive de procurar as minhas. Não podia permitir-me sentir aquela dor novamente. Prometi a mim mesmo que nunca mais seria traído, que nunca mais voltaria a amar.

Questionei-me muito nos dias seguintes, mas não arranjava respostas, porque nunca imaginei ser possível uma traição da Constança. Como foi capaz? E o nosso amor, os nossos sonhos, o nosso para sempre, para onde foi?

Eu amei-a, amei-a tanto.

Eu amo-te!

E vou continuar a amar-te... tanto...

Capítulo 2

Beatriz

Há dois anos...

Talvez fosse mais fácil viver numa ilusão. Porque a realidade doía. A mudança assustava. Ou então éramos tão cobardes que era mais fácil boicotarmos a nossa vida, aceitarmos que tinha de ser assim, em detrimento da nossa felicidade. Porque não acreditávamos que ela existia mesmo, ou porque dá demasiado trabalho construí-la.

Acreditava que o medo era o maior destruidor de sonhos. Ficávamos fechados numa bolha por não nos sentirmos capazes, ou por pensarmos demasiado no que os outros vão dizer.

Não era feliz. Aprendi a fazer da felicidade dos meus filhos, a minha. Ainda assim, fingia que estava tudo bem, que era só uma fase, que as coisas iriam mudar. Que um dia eu e o Jaime iremos ter mais tempo para nós, que um dia tudo seria diferente. Mesmo que nós sejamos os mesmos, meros companheiros de casa e de vida. Vida essa que já não sabia a que saberia. Só sabia que não era doce, não era aveludada e macia. Não tinha cor, nem cheiro de primavera.

Lutava todos os dias para adiar o fim inevitável.

Hoje acordei com o céu azul e os pássaros a cantar uma melodia suave. Eles não sabiam que melodias bonitas podiam ser o presságio da tempestade. Tal como eu, não sabia que, naquele dia, quando acordei, viveria um dos piores dias da minha vida.

A minha luta tinha chegado ao fim.

— Achas que o melhor é terminarmos uma história de quinze anos? E os miúdos?

— Os miúdos vão ficar bem. Não lhes vou faltar. — Fez uma pausa, baixou o olhar, estava prestes a revelar a verdadeira razão para querer o divórcio. — Beatriz... eu conheci uma pessoa.

— O quê?

Estaquei, enquanto as lágrimas inundavam o meu rosto. Não consegui falar enquanto o Jaime se justificava. Segundo ele, não me traiu, mas vi claramente que estava apaixonado. Os olhos dele brilhavam quando falava da cliente que conheceu na imobiliária. Tinha os olhos do meu marido a brilhar de paixão, de deslumbrado. Mas não por mim. Senti-me minúscula, engolida por uma dor absurda que tomou conta do meu corpo. Ele nunca olhou assim para mim, nunca.

Acabou. Era o fim da nossa história. Pediu-me desculpa inúmeras vezes, como se essa palavra fosse suficiente para atenuar a dor que sentia. Como é que os meninos iriam reagir? Como é que ia dizer-lhes que a vida deles ia dar uma volta de 180º? Tinha a minha cabeça num turbilhão. Pedi ao Jaime para sair, precisava de ficar só, de respirar, de deitar tudo cá para fora. Mergulhei novamente nos lençóis e passado uma hora ouvi-os sair. Nesse momento, o meu telemóvel tocou. Era o Jaime. Disse aos meninos que eu estava com dores de cabeça e que iam passar o dia fora. Não respondi. De certa forma, agradeci-lhe em silêncio porque só queria estar sozinha.

O resto do dia foi um pesadelo. Quando chegaram a casa, o Rafa percebeu que eu não estava bem, e, aproveitando as suas suspeitas, frisei que as dores de cabeça eram terríveis e deitei-me cedo. Estava de costas para a porta quando o Jaime entrou e acendeu a luz do candeeiro, quebrando a escuridão que se fazia sentir no quarto, menos a que eu sentia dentro de mim. Sentei-me na cama e senti um peso enorme no corpo, julguei que a minha cabeça ia explodir a qualquer momento.

Poucos minutos depois, levantei-me e ao mesmo tempo pressionei as têmporas para abrandar aquela sensação de desconforto.

— Onde vais? — indagou.

— Vou dormir no sofá. — Peguei na almofada e fui em direção à porta.

— Que disparate. Os meninos vão perceber.

Estaquei enquanto as lágrimas escorriam pelo meu rosto.

— Os nossos filhos já perceberam há muito tempo, Jaime. Há muito tempo.

Virei costas e saí. Sentia que o meu casamento era uma fraude. O Rafa e o Vicente sabiam que nós não estávamos bem. Senti que passei anos a enganar os meus filhos, a enganar-me a mim mesma. Nós já não éramos um casal há muito tempo. Nem sei se algum dia o fomos, na realidade.

A noite foi repleta de insónias. Se dormi duas horas, foi muito. Passei o dia a ensaiar a conversa com os meus filhos. Não fazia ideia como ia

começar. Sentia-me fracassada. Eu sabia que os casamentos não tinham que durar para sempre, mas senti-me derrotada, incapaz e inútil.



Era final do dia. Os meninos estavam na sala a ver televisão, longe de imaginarem que a dor que eu estava a sentir naquele momento, não tardaria a ser a dor deles também. Nada daquilo era imprevisível, mas era certamente algo que não queria ouvir ou aceitar. Ia acontecer, eu sabia que sim, só que tinha esperança que a nossa história se fosse arrastando, sabia lá por quanto tempo. Mesmo sabendo que nunca estaria preparada para o nosso término. Fugi sempre à ideia de começar do zero, sem saber o que esperar do futuro. Fugi à conversa que teria que ter com os meus filhos. Fugi a tudo o que me fizesse sair da minha zona de conforto.

Desci as escadas, tentando ocultar a dor que me consumia. Uma tarefa impossível, que falhei com maestria. O Jaime travou-me assim que percebeu que me dirigia aos nossos filhos. Bastou um olhar, para ele perceber que aquela conversa tinha que acontecer naquele instante. Eu já estava rasgada por dentro, se fosse para doer mais, então que viesse tudo de uma vez.

Sentei-me na mesa de centro, de frente para os miúdos, enquanto o Jaime puxou uma cadeira e sentou-se, também ele, de frente para eles.

— Mãe, porque é que estás a chorar? — O rosto do Rafael mostrava preocupação.

— Está tudo bem, meu amor. Mas a mãe e o pai têm que falar convosco.

Iniciei a conversa com um nó alojado na garganta. Os olhos esbugalhados dos meus filhos estavam cravados nos meus. Ouviam-me com atenção. As explicações, as justificações que soavam ridículas porque parecia que nada do que dizia fazia sentido. Por vezes, eles presenciavam as nossas discussões; eram meninos inteligentes, tinham nove e onze anos, mas já sabiam que aquele era um desfecho provável. Olhei para o Vicente, tinha uma lágrima a escorrer pelo rosto. Estábamos a magoar os nossos filhos e eu sentia-me a pior mãe do mundo. Se já doía antes, naquela altura passou a doer ainda mais, fazer os meus filhos sofrer era o pior que eu podia fazer.

Odeio-te, Jaime.

— Eu não quero conversar. Mãe, posso ir para o meu quarto?

— Rafa, olha para mim. — Não olhou, mas obriguei-o e levantei o queixo dele para ter os seus olhos grandes projetados nos meus novamente.

— Nós vamos continuar a amar-vos com a mesma intensidade, meu amor. Em relação ao nosso sentimento por vocês, não muda nada. O pai e a mãe vão estar sempre presentes.

— Mãe, por favor, deixa-me ir — suplicou.

— Vai, eu já vou ter contigo.

Saíram os dois, unidos, ao contrário dos pais. Foram em passo acelerado e assim que desapareceram no cimo das escadas, não consegui conter-me.

— Estás feliz, Jaime?

— Achas que eu não estou a sofrer? Achas que queria fazer isto aos meus filhos? São a minha vida, caramba.

— Vai-te embora. Dá-me uns dias para me organizar. Depois falamos.

Saiu. Saiu para sempre, e o som da porta, assim que a bateu, ficou a vibrar naquelas paredes que já tinham desmoronado minutos antes. Limpei as lágrimas, apesar de saber que o meu rosto ia permanecer molhado durante muito tempo. Respirei fundo e subi as escadas. Queria enfiar-me debaixo dos lençóis e dormir durante dias, mas tinha duas crianças que precisavam da mãe, mais do que nunca.

Entrei no quarto e vi-os apáticos. Senti-me culpada. Achei que essa sensação ia acompanhar-me para o resto da vida. Ia ser permanente, como uma tatuagem carimbada no corpo para me relembrar como era uma péssima mãe. Vesti um sorriso fingido e sugeri que comêssemos uma taça de cereais ao jantar, e melhor ainda, na minha cama. Anuíram e acompanharam-me até à cozinha, já depois de vestirem os pijamas. Preparámos as taças de cereais e subimos até ao quarto e eles escolheram um filme de animação para vermos. Assim que desceram as costas da cabeceira, para se deitarem, pedi-lhes um abraço.

Tinha os meus filhos junto a mim, um de cada lado com a cabeça no meu peito. Senti-lhes o cheiro e perdi-me um pouco naquele aroma. Eram só meus naquele momento. Só meus...

— Vai ficar tudo bem. Não agora, mas prometo-vos que vai. Vou estar sempre aqui, e o vosso pai também. Serão sempre a nossa prioridade.

— E tu? — O Rafael interrompeu-me. Fiquei confusa.

— Eu o quê, Rafa?

— Quando é que tu vais ser prioridade?

Estava a olhar para ele surpresa, sem perceber quando é que aquele menino de onze anos tinha crescido tanto. Ainda ontem era um bebé. Porque é que ele achava que eu tinha que ser prioridade na minha vida, quando os tinha ali junto a mim? Tinha que cuidar deles, estariam sempre à frente de qualquer pessoa.

Sempre!

— Quando foi que te tornaste esse homenzinho tão sábio? Nem dei conta. — Ele encolheu os ombros, ainda agarrado a mim. — A última coisa que quero é que se preocupem comigo, ouviram? A prioridade agora são vocês, a mãe vai ficar bem, prometo. Agora chega de conversas, que já é tarde e amanhã é dia de escola.

O Vicente colou os lábios na minha bochecha. Senti aquele beijo como se fosse uma espécie de analgésico, a minha cura; na verdade, era parte dela. Era doce, muito doce. Era muito bom.

Não fazia ideia como seria a partir dali. A dor e as inseguranças não deixavam que os meus olhos fechassem e muito menos descansassem, por mais que fosse essa a minha vontade. Eram só as primeiras horas de uma caminhada longa e que se adivinharia ser cheia de pedras e outros obstáculos pelo caminho. Teria que seguir em frente, por eles. Agora mais do que nunca. Teriam de ser a força que me faria erguer todas as manhãs, o gatilho para me impulsionar. Não podia mergulhar naquela dor, como se não tivesse ninguém dependente de mim. Por mais dolorosa que fosse a caminhada que se avistava, teria que ser feita.

Tinha que seguir em frente.

Tinha que conseguir.

Eu vou conseguir!

De nada vale ficar parada, e o caminho só se faz caminhando.

Capítulo 3

Beatrix

Presente

Nem acredito que conseguiste ser transferida para aqui, amiga. O abraço da Vera sabia tão bem. Nem eu acreditava. Acho que me acostumei a que tudo na minha vida fosse um caos, que nada prosperasse e corresse bem. Aquela transferência vinha mesmo a calhar e assim estava muito mais perto de casa. Por momentos nem me senti merecedora, por estar tão habituada às derrotas. Mas finalmente algo corria bem na minha vida.

— Eu sei. É um alívio. Ainda por cima, o meu carro passa mais tempo no mecânico do que na estrada. Já nem sei que lhe faça.

— Não consegues trocar?

— Para já não, é impossível. Não é fácil com os miúdos, e está tudo cada vez mais caro, não sei onde isto vai parar. Qualquer dia nem consigo fazer peixe ao jantar. A alimentação está com um preço absurdo.

— Acredito, já a mim me custa e não tenho ninguém para alimentar. — Fez uma pausa e aproximou-se de mim. — E o Afonso?

Outra vez a conversa do Afonso.

— O que é que tem o Afonso?

— Como é que achas que será, contigo aqui? Vão estar mais vezes juntos.

— Não comeces, Vera. O Afonso é meu amigo, nem sequer consigo olhar para ele de outra forma.

— Nem para ele nem para nenhum outro. Não deixas que ninguém se aproxime de ti, mas tudo bem. Hoje temos de comemorar o teu primeiro dia de trabalho. Jantamos fora?

— Acabei de dizer que as coisas estão complicadas. Achas que vou andar a gastar dinheiro à toa?

— Eu pago.

— Tenho os miúdos. Não dá — menti-lhe.

— A tua mãe já disse várias vezes que ficava com eles sempre que quisesse sair — retorquiu e arregalou-me os olhos.

— Fica para outro dia.

Não, não fica.

— Claro que fica. Como sempre. Não dá hoje, não vai dar amanhã, nem daqui a uma semana ou um mês. Quando é que vais olhar para ti? Já se passaram dois anos, Beatriz.

Ok, queria enganar quem? A Vera já me conhecia.

— A sério que acabei de entrar e já me estás a chatear com a conversa do costume?

— Sou tua amiga. Não esperes que aceite que te tornes mãe e dona de casa e esqueças que, acima de tudo, és mulher. Que tens de te divertir, conhecer pessoas novas. Há quanto tempo é que não sais? Achas que é fechada em casa que vais conhecer alguém?

— Isso porque partes do pressuposto de que quero conhecer alguém. Estou muito bem assim (*não estava nada, estava péssima*). A minha prioridade são os meus filhos, já te disse várias vezes.

— E não é por saíres com um tipo e fazeres sexo uma meia dúzia de vezes que eles vão deixar de o ser.

— Eu não sou como tu. Admiro esse teu à-vontade com a tua sexualidade, mas eu não consigo. Para mim é um ato em que nos entregamos a alguém, em que há partilha. É assim tão difícil perceberes isso?

— E haverá partilha, muita. De desejo, de tesão, de prazer. Acorda para a vida, Beatriz! Estás a desperdiçá-la.

A nossa conversa foi interrompida assim que o Afonso entrou na sala. Era uma espécie de mini refeitório, com duas mesas, uma bancada, um frigorífico, um micro-ondas e uma máquina de café. O suficiente para que pudéssemos levar as nossas refeições, aquecê-las e fazermos um *Coffee Break*.

— Por acaso já não está na vossa hora, meninas?

— Ai, Afonso, desculpa. Ainda agora cheguei e já estou a atrasar-me. Não é, dona Vera? — Arregalei-lhe os olhos.

Era bom que aquela conversa ficasse por ali; senão teria de pedir transferência outra vez.

— Desculpa, não volta a acontecer.

— Não tem mal, Beatriz. Fico muito feliz por fazeres parte da nossa equipa. O teu lugar é aqui.

— Obrigada. Eu também. Bom, vou andando, que não quero atrasar-me mais. — Coloquei o copo do café na reciclagem e saí apressada.

Tinha a certeza de que iam falar de mim.

Tenho a certeza!



Capítulo 4

One Day – Kodaline

Beatriz

Detestava a minha rotina.

E detestava o facto de a detestar.

Entre o trabalho e a casa, a escola dos meus filhos, os treinos de natação e de futebol, o único tempo que tinha para mim era quando os miúdos passavam o fim de semana com o Jaime. Aproveitava esses dias para limpar a casa mais a fundo, e tratar das roupas que pareciam não findar no cesto para lavar e no de passar a ferro. Sentia-me estagnada, como se a vida fosse a película de um filme, que rodava à minha frente e eu não saía do lugar. Os dias eram corridos, cansativos, mas ainda assim, não os vivia. Não como era suposto viver, e, sinceramente, eu já nem sabia como fazê-lo. Como sair daquele emaranhado de sentimentos, como sair da bolha onde me tinha colocado. Sentia que, quanto mais tempo estivesse ali, protegida, mais difícil seria sair. Dar o derradeiro passo era assustador; permitir-me conhecer alguém. Deixar a rotina que já conhecia de trás para a frente e que, apesar de ser exaustiva, ao mesmo tempo, fazia-me sentir segura no meu casulo como uma pequena borboleta indefesa, apesar da minha experiência de vida não me permitir ser mais uma menina com medo do futuro.

O meu pequeno luxo era sentar-me no sofá, a ver séries ou filmes, com uma embalagem de gelado na mão, fosse no inverno ou no verão.

Bendita Netflix!

Semana após semana, não mudava nada, os dias iam apenas passando. E eu via-os passar e esquecia-me de viver.

Assim continuava, resignada. Tinha mais um dia de trabalho pela frente. Mais um dia na rotina que detestava. O que é que eu estava a fazer com a minha vida?

— Bom dia, tiras-me um café, por favor?

O Afonso tinha acabado de chegar.

— Bom dia. Claro que tiro, curto, certo?

— Sim, por favor. Madrugaste hoje, ainda é cedo.

— Eu sei. A escola dos miúdos tinha uma visita de estudo, fui levá-los mais cedo e acabei por vir para cá.

É o que as mães solteiras fazem; acordam mais cedo para levar os filhos às visitas de estudo e depois vão para o trabalho passar o tempo. Naquele momento, apeteceu-me ter uma visita de estudo também. Sentia que não saía de casa desde o século passado.

— Ok. E estás bem? Pareces cansada.

— Tenho tido algumas insónias, nada demais — menti. Estava cansada. Exausta.

— Se puder ajudar...

— Ajudas muito sendo meu amigo. — Pisquei-lhe o olho e toquei com o meu indicador na ponta do nariz dele. Porque fiz aquilo? Se calhar não devia tê-lo feito, tendo em conta a forma como o Afonso me admirava.

— Queria ser bem mais que isso...

Merda, eu não devia ter feito aquilo.

— Afonso! Não vamos voltar a tocar neste assunto, por favor. Eu adoro-te, mas não nesse sentido.

— Deixa-me tentar, por favor! — suplicou.

— Eu não te quero magoar. Não mereces que o faça.

— Não me vais magoar.

Puxou-me pela cintura. O que é que ele estava a fazer? Porque é que estávamos tão perto? Porque é que ouvia a respiração dele como se fizesse parte da minha? Porque é que sentia o cheiro a café a sair-lhe entre os lábios?

O que é que se está a passar? Afonso?

— Afonso! — Colocou a mão no meu pescoço e beijou-me. Estava a beijar-me e nem me pediu permissão. Sem saber como sair desta situação, cedi. Senti o sabor do café vaguear pela nossa boca.

Deixei-me ir.

Não parei e ele também não parou.

Se calhar, um de nós devia ter parado.

Sabia bem, mas não estava a amar. Porque é que eu não amava o beijo do Afonso? Não beijava ninguém há mais de dois anos. Não era suposto estar excitada? Eu queria amá-lo, juro que queria, mas...

— Ups! — A Vera entrou e viu o nosso beijo. Se antes já ouvia os seus sermões, depois deste beijo ela não me daria tréguas.

— Vou ao armazém — atirei.

Saí apressada. Não queria perguntas às quais não queria dar respostas e sabia que teria de o fazer mais tarde. A Vera não ia largar-me, mas não ia falar sobre aquele beijo naquele momento. Não que quisesse falar de todo, mas muito menos no rescaldo do mesmo. Tinha de focar-me no trabalho e esquecer o que tinha acabado de acontecer. Era o mais sensato. Era o melhor para os dois.

Faltava cerca de uma hora para terminar o meu turno. Uma das minhas principais tarefas era repor os produtos nas prateleiras. Não desgostava do meu trabalho, podia ser bem pior; tinha bons colegas e horários privilegiados. O meu patrão era um amor e sabia como era difícil para mim ser mãe solteira, por isso, não trabalhava aos fins de semana, só em caso de urgência, o que era raro acontecer, até porque o Afonso dava sempre o corpo às balas.

O Afonso estava em todo o lado e, naquele dia, esteve na minha boca também.

— Boa tarde, posso pedir-lhe uma opinião? — Abordou-me um cliente.

— Boa tarde. Sim claro, se puder ajudar.

Olhei para ele. Era um homem bonito, bem parecido, com um corpo atlético, alto e com o cabelo castanho e uma barba bem aparada. Vestia umas calças de fato e uma camisa branca que não escondia os seus ombros largos e um tronco que aparecava ser bem esculpido. Tinha os lábios carnudos; preendi-me a eles por uns segundos. Como seria beijá-lo? Olhei para a sua mão esquerda, não tinha aliança. Porque é que fiz aquilo? Porque é que estava a procurar uma aliança na mão de um cliente?

Estou a enlouquecer!

Sacudi ligeiramente a cabeça, na tentativa de afastar aqueles pensamentos. Será que ele estava a reparar?

Claro que não...

— Qual a melhor compota?

— Bem, isso depende um pouco do gosto de cada um. É para si?

— Não.

— E sabe os frutos preferidos da pessoa que vai consumir a compota?

— Também não.

Ok, não fez o trabalho de casa.

— Bom, assim fica um bocadinho difícil. Esta é a que se vende mais. —

Apontei para a compota de morango. — E a de frutos vermelhos também.

— Boa, vou levar a de pêssego, então. Obrigado.

Não lhe respondi. Não me deu tempo. Caminhou em direção às caixas, e eu estava a tentar perceber se não estaria mesmo a enlouquecer.

Está tudo doido hoje, isto não é normal!

Acabei o meu turno e saí. Entrei no carro e parei um pouco para respirar fundo. Sentia um peso nos meus ombros, muito por culpa do beijo que tinha trocado com o Afonso. Tinha gostado do beijo, mas não mexeu comigo como gostaria ou esperava. A minha última recordação de um beijo vinha do Jaime.

Queria que fosse diferente, juro que queria. Queria que o beijo tivesse mexido comigo, mas não foi o caso.

Coloquei a chave na ignição e, assim que a rodei, o carro não deu sinal. Tentei mais algumas vezes, mas sem sucesso.

Isto não me está a acontecer.

Baixei a cabeça e encostei-a aos meus braços, que estavam apoiados no volante. A minha vida era um desastre. Liguei para o Sr. Fernando, o mecânico que tratava das avarias do meu carro, na tentativa de que ele me fosse ajudar.

— Não pode vir cá hoje?

— Não, menina Beatriz, hoje será mesmo impossível. Mas posso amanhã a esta hora.

— Se não há outra forma, lá terá de ser. Por favor, veja se desta vez percebe o que se passa. Prefiro gastar mais no arranjo e ficar bom de vez, do que ir para aí todos os meses, não há bolso que aguente. — Estava frustrada.

— Não se preocupe, vou ver com mais atenção. Eu mesmo tratarei disso. Vou é precisar que fique na oficina alguns dias. Há problema?

— Problema há, mas paciência. Se tem de ser...

Será que este dia podia piorar?

Peguei na minha mochila e na lancheira e saí do carro. Tranquei-o e dirigi-me à paragem de autocarros mais próxima do supermercado. Ficava a uns 500 metros. Era uma rua toda ela ladeada com árvores altas, o que a tornava mais acolhedora e fresca nos dias de verão, como era o caso. Estava um dia quente, e eu vestia um vestido curto, fresco e florido. Era um dos meus preferidos.

Enquanto vagueava pela paragem à espera do autocarro, reparei que um rapaz olhava para mim. Comecei a sentir-me desconfortável, como sempre, apesar de achar que continuava invisível (*para não variar*). Tinha-me limitado a ser a mãe divorciada sem qualquer perspetiva de iniciar uma nova relação. O Afonso queria mais, muito mais, mas por

mais que me esforçasse, não conseguia sentir-me atraída por ele e não conseguiavê-lo de outra forma que não meu amigo. Durante a viagem, liguei ao Jaime a pedir para ele ir buscar os miúdos à escola.

Quando vivia com o meu ex-marido, tinha a casa dos meus sonhos. Agora vivia num T3 pequeno. Não tinha forma de manter a casa antiga, de pagar por ela com o meu salário. Ficou para o Jaime, ficou tudo para o Jaime, na realidade.

Até a minha boca!

Vivia num apartamento com áreas pequenas, mas não desgostava. Gostava de viver naquela zona, pois mesmo em frente existia um parque com algumas árvores que faziam com que me esquecesse que vivia na cidade. Ficava numa rua secundária, mais sossegada, um pouco mais afastada das principais ruas, que eram as mais movimentadas. Assim que cheguei a casa, tratei de estender a roupa que tinha programado para lavar uma hora antes. Era uma das minhas rotinas, com filhos a roupa nunca acabava em nenhum dos cestos. Não entendia, juro que não entendia. Os miúdos chegaram com o Jaime. Vinham histéricos. Traziam uma novidade.

— Mãe, vamos de férias com o pai. — O Vicente estava eufórico.

— O quê?

— Vamos duas semanas para o Algarve com o pai. Vais deixar, não vais? — implorou o Rafael.

— É verdade, Jaime? Decides assim? Sem me consultares?

— Desculpa, Beatriz. Eu sei que foi repentina, mas gostava muito que eles fossem comigo, se não te importares.

— Tudo bem. Por mim não há problema. Só não deixa de ser curioso que quando vivíamos juntos nunca tinhás tempo para tirar férias, e agora vão logo duas semanas?

O que foi que eu fiz de errado!?

— Não vais começar, por favor!

— Não estou a começar nada. Uma vez, apenas uma vez, fomos de férias e levámos os teus pais connosco.

Não vou dizer que não gosto dos teus pais. Vais odiar-me.

— As coisas mudaram, surgiu a oportunidade. A Carolina também conseguiu tirar umas semanas de férias e decidimos aproveitar. Eu sei que devia ter avisado com mais antecedência, mas ainda assim devias estar feliz pelos miúdos.

— E estou, quero muito que eles se divirtam. — Forcei um sorriso.

— Eu venho buscá-los no sábado de manhã, por volta das 9h. Se puderes ter tudo pronto a essa hora, agradeço. — Pôs um ponto final no assunto.

— Não te preocupes. Às 9h estarão prontos.

Despedimo-nos, enquanto os meus filhos foram para o quarto, felizes. Aliás, estavam eufóricos e ouvi o Vicente dizer que seriam as melhores férias de sempre. Sem mim, sem a mãe deles. As melhores férias de sempre iam ser sem a mãe. Estava feliz por saber que se iam divertir, estava mesmo, mas ao mesmo tempo, sentia-me triste e frustrada por nunca ter tido a relação que sonhei com o Jaime. Connosco, nunca havia tempo e, quando havia, a rotina tomava conta dele.

Sempre a merda da rotina.

Capítulo 5

Beatriz

O dia amanheceu. E dei conta que tinha passado a noite em claro. Parecia um pouco contraditório estar feliz por saber que os meus filhos iam ter as férias que mereciam, e, ao mesmo tempo, sentir-me péssima por saber que a minha vida era uma merda.

Assim que cheguei ao trabalho, esquivei-me do Afonso e continuei a fazê-lo nas horas seguintes, para não ter de abordar o tema do beijo. Mas foi uma tentativa vã. Virei-me e dei de caras com ele.

— Estás a fugir de mim, Beatriz? — indagou.

— Não, que disparate. Claro que não — menti.

— Parece. — Fez uma pausa. — Adorei o nosso beijo, Beatriz, foi difícil não pensar nos teus lábios durante a noite.

— Afonso, por favor! Já te disse que nunca haverá nada entre nós. A última coisa que quero é magoar-te. Isto não faz qualquer sentido.

— Não gostaste?

— Sim... — Hesitei, e ele percebeu.

— Não me pareces muito convencida com o que acabaste de dizer.

— Tu és incrível. Mereces alguém que te ame, que queira construir uma vida ao teu lado, mas essa pessoa não sou eu, tu sabes isso. Desculpa. O beijo de ontem não devia ter acontecido.

— Ok, já percebi.

Baixou o olhar, triste. *Merda para isto!*

— Estás a ver!? Agora vais ficar estranho comigo, foi por isso que sempre evitei qualquer contato, porque sabia que só ia piorar as coisas.

— Não vou ficar, não te preocupes. Já passa. Só quero que sejas feliz.

— E eu quero o mesmo para ti. Segue o teu caminho, por favor. Não te prendas a mim, é só o que te peço.

— Tudo bem, já percebi. Vou ao armazém. Quando acabares a reposição nos enlatados vai à secção dos doces, vê as caixas de bombons, verifica a validade e retira as que tiverem de ser retiradas.

Assenti. Não tinha dúvidas de que aquele beijo tinha sido um erro. Nunca devia ter acontecido, e o olhar de desagrado do Afonso revelava isso mesmo. Era um homem maravilhoso, merecia muito mais do que lhe podia dar.

Terminei de colocar os enlatados no lugar e fiz o que ele me pediu. Estava a ver algumas caixas de bombons, quando um cliente me abordou porque precisava de ajuda. Era o mesmo indivíduo do dia anterior.

— Boa tarde, ainda bem que a encontro aqui. Pode ajudar-me? — Queria dizer-lhe que não, mas não podia. Sou paga para o ajudar, mesmo sabendo que, provavelmente, a minha sugestão seria ignorada.

— Claro, o que é que precisa? — Tentei ser o mais cordial possível, mesmo não querendo.

— Preciso de comprar uma caixa de bombons.

— E posso ajudá-lo em quê?

— Quero saber quais os melhores. Não sou muito de doces.

— Não sei se o posso ajudar com isso, se for como ontem, estou só a perder o meu tempo. — Fiz questão de lhe sorrir com ironia.

— Já vi que não se esqueceu de mim... Beatriz!

Leu o nome no meu crachá e demorou-se a pronunciá-lo. Pareceu-me ver o seu olhar um pouco demorado no meu peito, mas podiam ser só coisas da minha cabeça.

— Não que me lembre por bons motivos — atirei com sarcasmo — mas o que é que precisa saber em concreto?

— Posso tratá-la por tu? Devemos ter mais ou menos a mesma idade, não se justifica a formalidade.

— Ok, tudo bem. O que é que precisas?

— Já disse, preciso que me digas quais os melhores bombons.

— Isso depende do gosto de cada um. Tal como ontem, vou dizer-te os que se vendem mais. Estamos no verão, por isso não temos grande escolha. Estas caixas são as que vendemos mais. — Peguei na caixa em questão.

— Ótimo, e quais são os teus preferidos?

— O que é que isso interessa?

— Curiosidade apenas, pode ser que a pessoa a quem vou oferecer tenha gostos parecidos.

— Duvido, o meu gosto é um bocadinho peculiar — afirmei.

— Hum, fiquei curioso agora. Diz lá!

— Como queiras. São estes. — Peguei numa caixa vermelha que estava numa prateleira mais acima.

— Têm bom aspetto. Vou levar esses.
— Porque é que me pedes ajuda se depois ignoras o que eu digo?
— Eu não ignorei, muito pelo contrário. Vou levar os teus preferidos.
— Mas são os que se vendem menos, a probabilidade da tua namorada gostar é ainda menor.

Porque foi que disse isto?

— Namorada? Eu não disse que eram para a minha namorada.
— Desculpa, pensei que sim. Normalmente quando um homem vem comprar uma caixa de bombons ou é para a namorada, ou, pior ainda, para a amante. As esposas não têm direito.
— Está tudo bem contigo? Ou és mesmo assim?
— Estou ótima, obrigada pela preocupação. Agora, se não te importas...
— Isso foi uma tentativa de descobrires se tenho namorada? Já que ontem fizeste questão de olhar para a minha mão esquerda à procura de uma aliança.

Merda, ele reparou mesmo!

— O quê? Estás doido? — Mostrei-me indignada e fingi estar inocente naquela história.

— Será que estou?
— Eu tenho de trabalhar. Se não precisas de mais nada, deixa-me continuar, por favor.
— Claro. Muito gosto em ver-te, Beatriz. E não, não tenho namorada, prefiro o sexo sem compromisso.

Segredou-me esta última parte ao ouvido. Ninguém diz a uma mulher que não faz sexo há mais de dois anos, que gosta de fazer sexo sem compromisso, e muito menos di-lo ao ouvido da dita mulher.

Um arrepió invadiu-me o corpo depois daquele sussurro eletrizante. Fiquei a observá-lo, sem entender o que é que aquele homem queria. Foi em direção a uma das caixas para fazer o pagamento e eu não consegui tirar os olhos dele durante esse processo. Estava a mexer comigo, não conseguia perceber porquê. Porque é que o Afonso não tinha mexido comigo assim? Continuava arrepiada e ele já estava longe de mim. Estava a trocar alguns sorrisos com a Vera, e nesse momento ambos olharam na minha direção. Virei o rosto imediatamente. Será que eles repararam? Estavam a falar de mim? Só podiam ser coisas da minha cabeça, um homem como ele nunca olharia para mim. Durante dois anos foi essa a frase que gravei em mim: «*Nenhum homem olharia para mim*», muito menos um que eu considerasse atraente e bonito. Habituei-me à minha baixa autoestima, a sentir-me invisível e indesejada. O Jaime conhecia as marcas do meu

corpo e nunca o amou. Permitir que um homem me visse despida mexia muito comigo, achava-me incapaz de dar esse passo, de me libertar, porque acreditava que ninguém amaria o meu corpo com todas as suas imperfeições. Se eu o detestava, nenhum homem iria amá-lo. No fundo, achava-me incapaz de viver um novo amor novamente, talvez por isso fugia sempre do Afonso e dos sentimentos que ele nutria por mim.

Foca-te no trabalho, Beatriz.